



PREVALÊNCIA DA AUTOMEDICAÇÃO EM MULHERES

PREVALENCE OF SELF-MEDICATION IN WOMEN

PREVALENCIA DE LA AUTOMEDICACIÓN EN MUJERES

Bruna Vitória da Silva¹, Caroline Galle de Oliveira¹, Gabriela Riscado Grabler¹, Larissa Candido de Souza¹,
Luciana Olivia Milan¹, Luci Mendes de Melo Bonini^{1*}

e2111037

<https://doi.org/10.47820/recima21.v2i11.1037>

RESUMO

Objetivo: Identificar como ocorre a automedicação em mulheres e quais os motivos que as levam a se automedicarem, assim como identificar os motivos que conduzem à automedicação, incluindo se há, ou não, ciência de suas consequências. **Métodos:** Trata-se de pesquisa exploratório-descritiva, de abordagem quantitativa de corte transversal. Participaram do estudo 209 mulheres, maiores de 18 anos. O instrumento foi um questionário em formato eletrônico, no Google Forms®, entregues via redes sociais. **Resultados:** Os resultados apontaram que os medicamentos da classe dos analgésicos são os mais usados, seguido da classe dos anti-inflamatórios e antialérgicos, sendo o uso desses medicamentos mais frequente por mulheres que cursaram ensino superior, seguido de mulheres com o ensino superior incompleto. Das mulheres gestantes atuais ou que já tiveram filhos, constatou-se que a automedicação é interrompida em 34% das participantes. **Conclusão:** Conclui-se que a população de mulheres participantes deste estudo - principalmente as com ensino superior - se automedicam, mas tendem a mudar este hábito ao descobrirem uma gestação.

PALAVRAS-CHAVE: Automedicação. Saúde pública. Educação em saúde. Saúde da mulher

ABSTRACT

Objective: The purpose of this paper is to understand the reasons that lead women to self-medicate and the conditions in which it occurs. Furthermore, to understand women's awareness about the potential dangers of self-medication. **Methods:** This is exploratory-descriptive research with a cross-sectional quantitative approach. A total of 209 women over 18 years of age participated in this study. The instrument used was an electronic questionnaire developed on Google Forms®, conducted and distributed via social media network. **Results:** The results revealed the top three most used class drugs are: analgesics, followed by anti-inflammatories and anti-allergics. The study also revealed that women with higher education degree, both complete and incomplete, are the predominant users. This research also identified that 34% of pregnant and breastfeeding women stopped self-medicating. **Conclusion:** The study indicated that women who participated in the survey tend to self-medicate, but 34% of them tend to change this habit when pregnant or breastfeeding.

KEYWORDS: Self-medication. Public health. Health education. Women's Health

RESUMEN

Objetivo: Identificar cómo se produce la automedicación en las mujeres y cuáles son los motivos que las llevan a automedicarse, así como identificar los motivos que llevan a la automedicación, incluyendo si hay conciencia o no de sus consecuencias. **Métodos:** Se trata de una investigación exploratorio-descriptiva con un enfoque cuantitativo transversal. Participaron en el estudio un total de 209 mujeres mayores de 18 años. El instrumento fue un cuestionario en formato electrónico, en Google Forms®, entregado a través de redes sociales. **Resultados:** Los resultados mostraron que los fármacos de la clase de analgésicos son los más utilizados, seguidos de la clase de antiinflamatorios y antialérgicos, siendo el uso de estos fármacos más frecuente las mujeres que

¹ Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), Mogi das Cruzes - SP. *E-mail: lucibonini@gmail.com



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

PREVALÊNCIA DA AUTOMEDICAÇÃO EM MULHERES
Bruna Vitória da Silva, Caroline Galle de Oliveira, Gabriela Riscado Grabler,
Larissa Candido de Souza, Luciana Olívia Milan, Luci Mendes de Melo Bonini

*cursaron estudios superiores, seguidas de las mujeres con estudios superiores incompletos. educación. De las mujeres embarazadas que actualmente están embarazadas o que ya han tenido hijos, se encontró que la automedicación se interrumpe en el 34% de las participantes. **Conclusión:** Se concluye que la población de mujeres que participan en este estudio, especialmente aquellas con estudios superiores, se automedican, pero tienden a cambiar este hábito cuando descubren un embarazo.*

PALABRAS CLAVE: Automedicación. Salud pública. Educación sanitaria. Salud de la mujer

INTRODUÇÃO

A automedicação é uma forma comum de autoatenção à saúde que consiste na utilização de um produto, natural ou industrializado, com objetivo de cura, alívio ou profilaxia, sem prescrição médica, na qual o próprio paciente decide qual fármaco e de que maneira utilizar (LOYOLA et al., 2002). É uma prática antiga muito disseminada no Brasil e no mundo (GRIGORYAN et al., 2006). Nela estão envolvidos medicamentos alopáticos em geral ou fórmulas caseiras, chás e ervas. Várias são as formas de automedicação como comprar remédio sem receita e orientação de profissional habilitado, compartilhar medicamentos com outros membros do círculo social, utilizar receituários ou sobras de prescrições antigas e descumprir a forma de uso, horários ou posologia recomendada pelo profissional de saúde (LOYOLA et al., 2002). Segundo a Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas (Abifarma), no Brasil, todo ano, aproximadamente 20 mil pessoas morrem, vítimas de consequências da automedicação (GOLDMAN, 2000).

Medicamentos são importantes bens sociais atuais. Sua utilização no Brasil é alta e resultante de vários fatores. Tem-se como exemplo, o aumento da expectativa de vida e o subsequente aumento da carga de doenças crônicas, o aparecimento e reaparecimento de doenças transmissíveis, o aumento da prevalência dos transtornos psiquiátricos, as doenças resultantes das mudanças climáticas e da degradação do meio ambiente, da poluição ambiental, e os crescentes investimentos financeiros governamentais para tentar garantir o acesso universal a rede serviços de saúde (ARRAIS et al., 2016).

Um aspecto muito relevante da prática da automedicação é a classe do medicamento utilizado, já que está relacionada ao potencial de dano que pode ser causado à saúde do paciente ou a potenciais interações. No presente artigo foram correlacionados a frequência de utilização das diferentes classes e alguns cruzamentos com variáveis de interesse. (GAMA; SECOLI, 2017)

A automedicação pode oferecer inúmeros riscos à saúde do paciente como efeitos colaterais e adversos ou interações medicamentosas graves (GAMA; SECOLI, 2017). Alguns dos problemas causados pela automedicação são: o aumento do erro nos diagnósticos das doenças, a utilização de dosagem insuficiente ou excessiva, o aparecimento de efeitos indesejáveis graves ou reações alérgicas (CASTRO et al., 2006). O estudo aumenta os bancos de dados em relação ao tema auxiliando também pacientes a conhecerem e entenderem os riscos do uso de medicamentos sem



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

PREVALÊNCIA DA AUTOMEDICAÇÃO EM MULHERES
Bruna Vitória da Silva, Caroline Galle de Oliveira, Gabriela Riscado Grabler,
Larissa Candido de Souza, Luciana Olívia Milan, Luci Mendes de Melo Bonini

prescrição médica. Ainda, é possível observar a dimensão do problema e analisar suas causas para atenuá-lo (NAVES et al., 2010).

Em países e locais com sistema de saúde pouco estruturado a busca por medicamentos em balcões de farmácias, com amigos, parentes e vizinhos é considerada a primeira opção de muitos; além da maioria dos medicamentos usados pela população serem vendidos sem necessidade de receitas médicas (PONS et al., 2017; VILARINO et al., 1998). Entretanto, mesmo em países e regiões mais desenvolvidas a automedicação é praticada e acredita-se que a venda de medicamentos, como analgésicos e antitérmicos, em supermercados, farmácias, conveniências, que é comum e não exige nenhum tipo de pedido médico, aumenta ainda mais as estatísticas da prática (GRYGORIAN et al., 2006).

O uso indiscriminado de agentes ditos "homeopáticos" ou "naturais" também oferecem risco quando usados sem indicação profissional ou de maneira imprópria, caracterizando-se também como automedicação. Um exemplo prático é o uso de isoflavonas. A partir de alguns estudos que mostram uma menor sintomatologia do climatério atribuída ao consumo de soja, muitas mulheres começaram a utilizar comprimidos de soja sem controle de qualidade e sem orientação e supervisão médica. O uso indevido de isoflavonas tem causado efeitos colaterais importantes e alterações sanguíneas. Além disso, outros estudos mostram que uma série de compostos caracterizados como inocentes, por exemplo cremes de ginseng, têm ação proliferativa endometrial, podendo gerar quadros hiperplásicos que podem representar até lesões precursoras de adenocarcinoma. Outra situação, já bastante conhecida pelos profissionais de saúde, é a multirresistência antimicrobiana, a qual ganhou força durante anos pela prática, principalmente, da automedicação (KUTNER et al., 2001).

O hábito de tomar remédios isentos de receita médica ou sem tarja, também conhecidos como remédios de prateleira ou "*over the counter*" e indicados para tratar pequenos males do dia a dia por um curto espaço de tempo (3 dias), é muito comum devido ao fácil acesso e ao marketing significativo na mídia (CASTRO et al., 2006). A Organização Mundial de Saúde (OMS) alega que um certo nível de automedicação é aceitável, desde que ocorra de forma responsável. De acordo com a OMS, este nível de automedicação pode ser benéfico para o sistema público de saúde (CASTRO et al., 2006). Pode-se debater até que ponto a automedicação é positiva no Brasil, pensando que ela desafoga parte dos postos de saúde e prontos-socorros (KUTNER et al., 2001; SCHMID et al., 2010).

Para o alívio dos incômodos que o atingem, em inúmeros momentos, o brasileiro decide por utilizar medicamentos populares sem qualquer orientação profissional, especialmente os mais comuns como aqueles para gripe, resfriados, febre, dor de garganta, ou até mesmo, procura inicialmente orientação leiga, de amigos ou parentes ou do farmacêutico mais próximo, em busca de uma solução imediata para a sua comorbidade, principalmente quando se trata de resfriados e viroses (PONS et al., 2017). A mídia estimula, com apelos, a automedicação, fazendo o uso da famosa frase: "persistindo os sintomas um médico deve ser consultado", como se ela os isentasse de



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

PREVALÊNCIA DA AUTOMEDICAÇÃO EM MULHERES
Bruna Vitória da Silva, Caroline Galle de Oliveira, Gabriela Riscado Grabler,
Larissa Candido de Souza, Luciana Olívia Milan, Luci Mendes de Melo Bonini

toda e qualquer responsabilidade; o que é uma completa inverdade, e de certo modo uma irresponsabilidade (KUTNER et al., 2001).

Fatores econômicos, políticos e culturais podem ser os maiores contribuintes para a difusão da automedicação no planeta (GRIGORYAN et al., 2006). As razões que levam alguém a se automedicar são inúmeras: a dificuldade de chegar a uma unidade de saúde, os custos envolvidos, o desespero e a angústia de sanar rapidamente os sintomas, as redes sociais que disseminam informações muito rapidamente, o grande uso da internet e dos sites de pesquisa como resposta para todos os problemas, a falta de regulamentação e fiscalização dos vendedores e, principalmente, a falta de programas e projetos educativos sobre as consequências da automedicação (MOHSENI et al., 2018; EBRAHIMI et al., 2017).

Mesmo se um paciente ler a bula e consumir o medicamento na posologia ideal ainda existem riscos inerentes. Apenas o médico é um profissional capacitado para medicar um indivíduo e diagnosticar uma doença, analisando-o como um todo (GAMA; SECOLI, 2017; PONS et al., 2017). Sendo assim, a automedicação entra como um fator de risco a saúde pública e prejudica sistemas de saúde quando se pensa nas consequências geradas pela mesma (FEREIDOUNI et al., 2019). Em cima desta temática, o presente artigo tem como hipótese a ser comprovada que a automedicação é muito praticada por mulheres gestantes e não gestantes; o que é um risco para toda a sociedade.

Este trabalho teve como objetivo identificar como ocorre a automedicação em mulheres e quais os motivos que as levam a se automedicarem, assim como identificar os motivos que conduzem à automedicação, incluindo se há, ou não, ciência de suas consequências.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de pesquisa exploratório-descritiva, de abordagem quantitativa de corte transversal. Participaram do estudo 209 mulheres, maiores de 18 anos. Utilizou-se para a coleta de dados o método Bola de Neve. Este método é um formato de amostra não probabilístico que se baseia em cadeias de referência (VINUTO 2014). O instrumento de coleta de dados foi desenvolvido de modo que se atingissem os objetivos do trabalho, assim elaborou-se um questionário em formato eletrônico, entregues via e-mail e WhatsApp para acesso através de link, gerado por meio de uma ferramenta gratuita: Google Forms®, no primeiro semestre de 2020.

A escolha da população amostral tinha como intenção verificar se a automedicação acontece por conta de caracteres exteriores ao sujeito, se a automedicação perdura durante e após a gestação e as consequências que a automedicação traz. Os dados quantitativos foram analisados por meio de estatística descritiva e teste Quiquadrado.

O estudo foi realizado em conformidade com as Normas e Diretrizes para Pesquisa Envolvendo Seres Humanos e foi avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Mogi das Cruzes sob número CAAE 22842719.8.0000.5497 e parecer de aprovação número 3.693.717.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

PREVALÊNCIA DA AUTOMEDICAÇÃO EM MULHERES
Bruna Vitória da Silva, Caroline Galle de Oliveira, Gabriela Riscado Grabler,
Larissa Candido de Souza, Luciana Olívia Milan, Luci Mendes de Melo Bonini

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As 209 participantes deste estudo estavam assim distribuídas pela idade: 46% de 20 a 30 anos, portanto a maioria; 26% com mais de 50 anos; 13% de 30 a 40 anos; 12% de 40 a 50 anos e 3% entre 18 e 20 anos.

Em relação ao perfil do estado civil das participantes houve maior frequência de solteiras: 52,6; seguido de 36,8% de casadas, 9,1% divorciadas e 1,4% viúvas. A maioria das solteiras, 42% tinham menos de 30 anos e 18% das casadas tinham mais de 50 anos. Das participantes 6 eram gestantes, das quais 4 gestantes estavam na faixa etária de 20 a 30 anos e 2 gestantes estavam na faixa etária de 30 a 40 anos.

Com relação à escolaridade e idade, a amostra analisada evidenciou que 60% concluíram o ensino superior ou mais, demonstrando ser um grupo bem diferenciado do perfil brasileiro. Quando se trata do cruzamento entre escolaridade e estado civil, percebeu-se que houve predomínio na amostra de mulheres casadas com ensino superior completo: 74% e 50% solteiras com o ensino superior incompleto.

Em relação ao perfil da cor de pele das participantes houve hegemonia de mulheres brancas, embora houvesse um número reduzido de mulheres que se identificaram como pretas (1,4%); pardas (8,6%) e amarelas (8,6%), o que não representa a realidade da diversidade étnica brasileira.

Estudos epidemiológicos de base populacional indicam que a prevalência da automedicação varia de 30% a 90%, e apresentou associação positiva com o sexo feminino. A sensação de melhor acesso a serviços e redes de saúde (facilidade para conseguir um médico a qualquer horário e menor tempo de espera para conseguir consulta médica, entre outros) esteve negativamente associada à prática automedicação. (LOYOLA et al., 2002)

No Brasil, as mulheres, mais especificamente entre 20 e 39 anos, são as que mais praticam a automedicação (ARRAIS et al., 2016). Em outra pesquisa, as mulheres com mais de 50 anos foram as mais frequentes na prática da automedicação (DOMINGUES et al., 2017)

A automedicação pode ter inúmeras consequências negativas para a saúde do paciente e da população em geral; principalmente em mulheres grávidas e lactantes; ou também, portadores de alguma comorbidade conhecida ou não. Ainda podendo se tornar um problema maior quando há associação de medicamentos (EBRAHIMI et al., 2017; CHAVES et al., 2009). Ela pode mascarar doenças, gerar novas enfermidades e causar vários efeitos adversos, inclusive abortamentos e má formações (CHAVES et al., 2009). O fato de um medicamento poder ser vendido facilmente, por valores baixos e sem receita médica não significa que seu uso possa ser feito indiscriminadamente ou que não traga malefícios a saúde (EBRAHIMI et al., 2017).

A população geral, por muitas vezes, não tem acesso a informações a respeito da segurança do uso de algum fármaco. A maioria das pessoas ao menos sabem dos possíveis efeitos nocivos que



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

PREVALÊNCIA DA AUTOMEDICAÇÃO EM MULHERES
Bruna Vitória da Silva, Caroline Galle de Oliveira, Gabriela Riscado Grabler,
Larissa Candido de Souza, Luciana Olívia Milan, Luci Mendes de Melo Bonini

a automedicação pode trazer, e muito menos identificar ou prevenir corretamente combinações arriscadas (PEGORARO et al., 2020).

Depois dessa caracterização sociodemográfica, passa-se então aos dados obtidos sobre o objetivo deste estudo. Quanto ao uso de medicamentos de um ano para cá, 97 mulheres (73% da amostra) responderam que sim para alguns medicamentos e 45 (22%) responderam sim para todos apenas 11 (5%) responderam não nenhum. A maior frequência se encontra na faixa de 20 a 30 anos, com 76 mulheres que admitem seu uso para alguns medicamentos e 14 para todos, o que dá um total 90 mulheres na amostra (43% do total da amostra e 93% da faixa etária). O segundo grupo relevante para automedicação está na faixa etária de 50 anos ou mais com 54 mulheres, 26% da amostra e 27% das mulheres que admitem o uso de automedicação.

Quando foi questionada a frequência no uso de automedicação obteve-se então que a maior frequência ocorre na faixa etária de 20 a 30 anos e trata de utilização rara, 56 mulheres ou 27% da amostra. A seguir vem as idosas, 50 anos ou mais, com 41 mulheres (20% da amostra), também com uso raro; o que vai na direção contrária a outros estudos, que mostram maior incidência da automedicação em idosos por serem o grupo mais medicalizado e com maior número de comorbidades do país (BORTOLON et al., 2008). A informação mais preocupante da tabela está na faixa de 20 a 30 anos e envolve o uso frequente com 35 casos (29+6), ou 17% da amostra, que declaram utilizar “Com alguma frequência” ou “Sempre”, 4 participantes. Observou-se a frequência por classe de medicamentos, conforme se descreve na **Tabela 1**, a seguir.

Tabela 1: Frequência observada por classe de medicamento na automedicação de mulheres, n=209, Brasil, 2020.

| CLASSE DE MEDICAMENTOS | FREQUÊNCIA FREQ. | RELATIVA (%) |
|------------------------|---------------------|-----------------|
| ANALGÉSICOS | 187 | 89 |
| ANTI-INFLAMATÓRIOS | 143 | 68 |
| ANTIALÉRGICOS | 110 | 53 |
| ANTIÁCIDOS | 73 | 35 |
| FITOTERÁPICOS | 40 | 19 |
| ANTICONCEPCIONAL | 33 | 16 |
| ANTIBIÓTICOS | 19 | 9 |
| ANTIDEPRESSIVOS | 6 | 3 |
| ANTIEMÉTICO | 1 | - |

Fonte: Silva BV, et al., 2021

Os medicamentos que atuam no sistema nervoso central são os mais populares entre os que se automedicam (SCHIMID, 2010). Como se pode notar, os analgésicos são os mais utilizados na automedicação com 89%, seguidos dos anti-inflamatórios com 68% e dos antialérgicos com 53%. Os fitoterápicos com 19% e os anticoncepcionais com 16% vem a seguir. Os antibióticos aparecem com 9% e os antidepressivos com 3%. Somente uma resposta citou os medicamentos antieméticos.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

PREVALÊNCIA DA AUTOMEDICAÇÃO EM MULHERES
Bruna Vitória da Silva, Caroline Galle de Oliveira, Gabriela Riscado Grabler,
Larissa Candido de Souza, Luciana Olívia Milan, Luci Mendes de Melo Bonini

As afirmações mais comuns com relação às causas da automedicação foram: alergias, náuseas, gripes e resfriados, dores em geral, desconfortos abdominais, febre, contracepção, ansiedade, insônia e outros.

Uma das principais causas para a automedicação com analgésicos é a dor de cabeça que pode indicar um problema de saúde mais preocupante e por isso demanda cuidados específicos do profissional farmacêutico para um uso racional da medicação e o aconselhamento quanto à necessidade de se buscar um profissional especializado para o correto tratamento da enfermidade (PEGORARO et al., 2020).

Buscou-se conhecer também, se havia relação entre a idade e o uso de analgésicos e, levando-se em conta a amostra, é possível observar uma predominância maior na faixa etária de 20 a 30 anos e mais de 50 anos. Isso se dá pela porcentagem de respostas “sim” das faixas etárias em questão representando (86%) e (88%), respectivamente. O teste quiquadrado apresentou estatística 4.811, com 4 graus de liberdade. O p-valor nesse caso foi de 0.3072, levando a conclusão que os dados não apresentam suficientes evidências para concluirmos pela associação entre Idade, representada pela categorização em Faixa etária, e utilização de analgésicos automedicados.

Em se tratando de antialérgicos o teste quiquadrado apresentou estatística 28.58, com 4 graus de liberdade. O p-valor nesse caso foi de 9.514e-06, levando a conclusão que os dados apresentam fortes evidências para concluir-se pela associação entre Idade, representada pela categorização em Faixa etária, e a utilização de anti-inflamatórios automedicados. Isso é uma indicação de uso geral sem influência da idade. No caso da escolaridade e automedicação, observe-se **Tabela 2**.

Tabela 2: Cruzamento de Escolaridade por uso de analgésicos

| ESCOLARIDADE | ANALGÉSICOS | | TOTAL |
|-----------------------------|-------------|------------|------------|
| | NÃO | SIM | |
| DOUTORADO | 0 | 4 | 4 |
| ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO | 1 | 1 | 2 |
| ENSINO MÉDIO COMPLETO | 5 | 14 | 19 |
| ENSINO MÉDIO INCOMPLETO | 0 | 6 | 6 |
| ENSINO SUPERIOR COMPLETO | 8 | 100 | 108 |
| ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO | 7 | 51 | 58 |
| MESTRADO | 1 | 11 | 12 |
| TOTAL | 22 | 187 | 209 |

Fonte: Silva BV, et al., 2021



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

PREVALÊNCIA DA AUTOMEDICAÇÃO EM MULHERES
Bruna Vitória da Silva, Caroline Galle de Oliveira, Gabriela Riscado Grabler,
Larissa Candido de Souza, Luciana Olívia Milan, Luci Mendes de Melo Bonini

Levando-se em conta a amostra das entrevistadas que cursaram ensino superior completo, estas representam o grupo que mais faz uso de analgésicos, uma vez que 92% destas responderam “sim”.

O teste qui-quadrado apresentou estatística 10.838, com 6 graus de liberdade. O p-valor nesse caso foi de 0.09351, constituindo em evidência muito fraca ($0.05 < p\text{-valor} < 0.10$) para concluirmos pela associação entre Escolaridade e utilização de analgésicos automedicados, ou seja, concluímos, portanto, pela não associação. Esse resultado indica no sentido da utilização por todos os níveis de escolarização.

Para o cruzamento de Escolaridade por uso de anti-inflamatórios, pode-se observar que (66%) das mulheres que responderam “sim” para o uso deste medicamento estão entre o nível de escolaridade de ensino superior completo, grupo que mais utiliza este medicamento. O teste qui-quadrado apresentou estatística 11.43, com 6 graus de liberdade. O p-valor nesse caso foi de 0.07597, constituindo em evidência muito fraca ($0.05 < p\text{-valor} < 0.10$) para concluirmos pela associação entre Escolaridade e utilização de anti-inflamatórios automedicados, ou seja, concluímos, portanto, pela não associação.

No caso de antialérgicos, cruzamento de escolaridade foi possível observar que o uso de medicamentos por mulheres que cursaram ensino superior é mais frequente, chegando ao valor de 85% das mulheres que afirmaram fazer uso desses medicamentos. O teste qui-quadrado apresentou estatística 10.443, com 6 graus de liberdade. O p-valor nesse caso foi de 0.1072, levando a conclusão que os dados não apresentam suficientes evidências para concluirmos pela associação entre Escolaridade e utilização de Antialérgicos automedicados, ou seja, concluímos, portanto, pela não associação.

A **Tabela 3** mostra a mudança de hábitos devido à gestação. Dentre as participantes, 117 não tiveram grávidas até o momento da pesquisa, ou 56% do total de participantes. Dentre as 92 mulheres que já haviam experienciado gravidez, 71 (77%) delas declararam que haviam mudado de hábitos em função da gestação.

Tabela 3: Mudança de hábitos devido a gestação

| MUDANÇA DE HÁBITOS | FREQUÊNCIA | FREQ. RELATIVA (%) |
|----------------------|------------|--------------------|
| SIM | 71 | 34 |
| NÃO | 21 | 10 |
| NUNCA ESTIVE GRÁVIDA | 117 | 56 |

Fonte: Silva et al., 2021

No que se refere à mudança de hábitos devido à gestação, percebeu-se que 71 mulheres declararam que haviam mudado de hábitos, o que representa 34% das participantes, porém 91,1% das que já estiveram ou estão grávidas. As razões apontadas pelas participantes é de que só tomavam remédios indicados pelos médicos ao longo da gravidez.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

PREVALÊNCIA DA AUTOMEDICAÇÃO EM MULHERES
Bruna Vitória da Silva, Caroline Galle de Oliveira, Gabriela Riscado Grabler,
Larissa Candido de Souza, Luciana Olívia Milan, Luci Mendes de Melo Bonini

A utilização de medicamentos na gravidez foi detectada por Santos et al. (2018), em 37,75% de mulheres grávidas de alto risco e os medicamentos apontados estão Dipirona (18%), Dimenidrinato (9%) e Bromoprida (6%)

Enquanto a perspectiva de voltar a praticar a automedicação no futuro mostrou que 120 participantes (57%) declararam que se “Sim” voltariam a se automedicar no futuro, 70 (33%) admitiram a dúvida respondendo “Talvez” e apenas 19 (9%) declararam que “Não” fariam uso da prática da automedicação.

A automedicação é uma prática costumeira que pode atrasar o diagnóstico e a cura de doenças, além de contribuir para a cadeia de transmissão das doenças. No Brasil, são muitos os casos de intoxicações envolvendo medicamentos e o número de pessoas que os utilizam, em contrapartida, são poucos os estudos que computam a prevalência da automedicação e que observam seus fatores associados (DOMINGUES et al., 2017).

No contexto brasileiro, no qual as necessidades por atenção à saúde não são plenamente atendidas, as farmácias comunitárias, ocupam lugar privilegiado como estabelecimentos de saúde mais acessíveis e representam um importante local de busca por atendimento primário à saúde. Nas farmácias brasileiras, a automedicação e a indicação terapêutica são comuns, mesmo em caso de doenças que necessitam de investigação, exames clínicos e laboratoriais para o seu diagnóstico (NAVES et al., 2010).

Os hábitos de consumo de medicamentos podem ser afetados positivamente por políticas públicas quando promovem a regulamentação e a disponibilização racional de medicamentos básicos e essenciais, oferecendo acesso ao diagnóstico e conduta dados por profissionais habilitados. Entretanto, o consumo pode ser influenciado negativamente pelo acesso extremamente fácil e pela publicidade de medicamentos, que estimulam a utilização desnecessária e irracional (NAVES et al., 2010).

Outra questão importante que deve ser considerada, é o papel ocupado pelo medicamento hoje, de supervalorização, como solução para os problemas de saúde, com o fármaco simbolizando a esperança da cura para todos os males e a falsa sensação de que toda doença exige um tratamento farmacológico, inclusive as desencadeadas pela precariedade das condições de vida, hábitos inadequados ou estados fisiológicos. Questão essa que acaba por influenciar, diretamente, o consumo de medicamentos e se anuncia na atitude das pessoas que buscam tratamento instantâneo e nas práticas dos trabalhadores que lutam para atender a essas expectativas (NAVES et al., 2010).

CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo identificar a prevalência da prática da automedicação em mulheres, uma vez que é uma prática muito comum na sociedade. Entende-se que este objetivo foi atingido na medida em que os dados permitiram concluir que a prática da automedicação é bastante comum, sendo esta uma forma que visa a utilização de fármacos para a profilaxia e a cura de



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

PREVALÊNCIA DA AUTOMEDICAÇÃO EM MULHERES
Bruna Vitória da Silva, Caroline Galle de Oliveira, Gabriela Riscado Grabler,
Larissa Candido de Souza, Luciana Olívia Milan, Luci Mendes de Melo Bonini

doenças sem que haja uma prescrição médica. O presente estudo, somado a outros, a fim de entender o motivo pelo qual a automedicação ainda é muito praticada, são necessários para que tal prática diminua, bem como para mostrar as consequências que ela pode trazer.

AGRADECIMENTOS

Às participantes da pesquisa que se dispuseram a responder o questionário e a auxiliar na divulgação dele. À Universidade de Mogi das Cruzes (UMC) pela oportunidade da realização do projeto e pelo apoio dos professores, alunos e funcionários da instituição.

REFERÊNCIAS

- ARRAIS, P. S. D. *et al.* Prevalence of self-medication in Brazil and associated factors. **Revista de Saúde Pública**, v. 50, n. 2, 2016.
- BORTOLON, P. C. *et al.* Análise do perfil de automedicação em mulheres idosas brasileiras. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, v. 13, n. 4, p. 1219-1226, 2008.
- CASTRO, H. C. *et al.* Automedicação: entendemos o risco? **Infarma.**, v. 18, n. 9/10, p. 17-20, 2006.
- CHAVES, R. G.; *et al.* Self-medication in nursing mothers and its influence on the duration of breastfeeding. **J Pediat.**, v. 85, n. 2, p. 129-134, 2009.
- DOMINGUES, P. H. F. *et al.* Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional. **Epidemiol. Serv. Saúde**, v. 26, n. 2, p. 319-330, 2017.
- EBRAHIMI, H. *et al.* Self-medication and its risk factors among women before and during pregnancy. **Pan African Medical Journal**, v. 27, n. 183, 2017.
- FEREIDOUNI, Z. *et al.* Experiences of self-medication among people: a qualitative meta-synthesis. **Daru Journal Of Pharmaceutical Sciences**, v. 27, n. 1, p. 83-89, 2019.
- GAMA, A. S. M.; SECOLI, S. R. Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas – Brasil. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 38, n. 1, e65111, 2017.
- GOLDMAN, G. M. “Over the counter” self-medication. **Mo Med**, v. 97, n. 9, p. 435-6, 2000.
- GRIGORYAN, L. *et al.* Self-medication with antimicrobial drugs in Europe. **Emerg Infect Dis.**, v. 12, p. 452-459, 2006.
- KUTNER, J. M. *et al.* Automedicação. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 47, n. 4, p. 269-270, 2001.
- LOYOLA FILHO, A. I. *et al.* Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. **Revista de Saúde Pública**, v. 36, n. 1, p. 55-62, 2002.
- MOHSENI, M. *et al.* Prevalence and Reasons of Self-Medication in Pregnant Women: A Systematic Review and Meta-Analysis. **Int J Community Based Nurs Midwifery**, v. 6, n. 4, p. 272-284, 2018.
- NAVES, J. O. S. *et al.* Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 1, p. 1751-1762, 2010.
- PEGORARO, C. M. R. *et al.* Caracterização da prática de automedicação com analgésicos para o tratamento da dor. **Colloquium Vitae**, v. 11, n. 3, p. 85-91, 2020.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

PREVALÊNCIA DA AUTOMEDICAÇÃO EM MULHERES

Bruna Vitória da Silva, Caroline Galle de Oliveira, Gabriela Riscado Grabler,
Larissa Candido de Souza, Luciana Olivia Milan, Luci Mendes de Melo Bonini

PONS, E. S. *et al.* Predisposing factors to the practice of self-medication in Brazil: Results from the National Survey on Access, Use and Promotion of Rational Use of Medicines (PNAUM). **PLoS One**, v. 12, n. 12, p. e0189098, 2017.

SANTOS, S. L. F. *et al.* Automedicação em Gestantes de Alto Risco: Foco em Atenção Farmacêutica. **J Health Sci.**, v. 20, n. 1, p. 50-54, 2018.

SCHMID, B. *et al.* Automedicação em adultos de baixa renda no município de São Paulo. **Revista de Saúde Pública**, v. 44, n. 6, p. 1039-1045, 2010.

VILARINO, J. F. *et al.* Perfil da automedicação em município do Sul do Brasil. **Revista Saúde Pública**, v. 32, n. 1, p. 43-9, 1998.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.